

SIMPSONS: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA.

Carla Gumieri FURLAN
(Orientadora): Profa. Dra. Carmen Zink Bolognini

RESUMO: Tendo como pressuposto, através da Análise de discurso de linha francesa, que todos os discursos são políticos, trazemos para esta análise o discurso dos desenhos animados, focando, aqui, na série norte-americana Os Simpsons. Faremos neste trabalho, a análise de dados procurando demonstrar como as marcas encontradas nos discursos dos episódios do desenho analisado indicam a maneira pela qual se dá o funcionamento destes para constituir as Formações Imaginárias de seus telespectadores, tanto do estrangeiro em relação ao brasileiro (outros povos) quanto do brasileiro (estrangeiro) a respeito dele mesmo, de seu país, e do outro também estrangeiro. E, nesta linha, procuramos trazer as conseqüências de trabalhar-se com uma linguagem histórica e ideológica para dentro da sala de aula.

Palavras-chave: análise de discurso de linha francesa, sujeito, esquecimento, ideologia, objeto.

Justificativa

Cada vez mais, seja por motivos comerciais ou pedagógicos, professores de LE levam para sala de aula ferramentas tecnológicas, ou seja, materiais que coloquem seus alunos em contato com fontes legítimas da língua alvo tais como mini-séries, filmes, desenhos animados, músicas. Materiais, supostamente, transparentes que, no entanto, afetam tanto o professor quanto o aluno de LE constituindo o imaginário destes sobre o outro (falante da LE em processo de aprendizagem) e sobre si mesmo. Além disto, vale lembrar que as séries de desenho animado também fazem parte da mídia e, neste sentido, podem ser classificados como uma das instituições que compõem os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) que, segundo Althusser (2003), estabilizam e mantêm a ideologia da classe dominante em uma sociedade e, desta forma “o discurso estabilizado pela mídia, dado seu grande poder de penetração, tem papel inquestionável na constituição dos sujeitos em uma sociedade (Bolognini, 2007:21). Assim, em Os Simpsons de Matt Groening, buscamos “... a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente pelo homem” (Ginzburg, 1990:152), ou seja, através de indícios tanto da linguagem verbal como da não-verbal trazer as

conseqüências de trabalhar-se com uma linguagem histórica e ideológica dentro da sala de aula. Mas, por que esta série?

A série em questão teve sua estréia em 17 de dezembro de 1989 nos Estados Unidos e, ainda, continua a ser exibida neste país, assim como em vários outros de todo o mundo¹, podendo, assim, ser considerado o desenho animado de maior longevidade na história da TV nos Estados Unidos, apresentando dezoito temporadas e mais de 385 episódios. Este mesmo desenho, ainda, foi indicado para 38 prêmios Emmy, tendo ganhado 18 destes², apresenta-se, também, na lista dos seriados de maior audiência dos EUA, logo em quarto lugar segundo pesquisa realizada pelo site

¹Segundo o site

http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_canais_de_TV_que_apresentam_Os_Simpsons_no_dia_07/12/2006: Américas *FOX Latin America (América Latina, Cabo; Telefe (Argentina); Red UNO Channel 11 (Bolívia); FOX Brasil (Brasil); Rede Globo (Brasil); SBT (Brasil); Canadian Broadcasting Corporation (Canadá); The Comedy Network (Canadá); Global (Canadá); NTV (Newfoundland and Labrador, (Canadá); OMNI.1 (Canadá); Channel M (British Columbia) (Canadá); TQS (Quebec, Canadá); Canal 13 (Chile); UCTV (Chile); Caracol TV (Colômbia); Repretel (Costa Rica); Teleamazonas (Equador); Tele2 (El Salvador); TV Azteca (México); TVN2 (Panamá); Frecuencia Latina (Peru); FOX (Estados Unidos); AFN-Family (Estados Unidos, militar); Canal 10 Saeta TV (Uruguai); Venevision (Venezuela); Telefuturo (Paraguai);* Ásia e Oceania: *FOX8, (Austrália); FOX8+2, (Austrália); Network Ten (Austrália); ATV World (Hong Kong); Star World (Sul da Ásia); FOX Japan (Japão); WOWOW (Japão); TV2 (Nova Zelândia) até Dezembro de 2003; TV3 (Nova Zelândia) desde Fevereiro de 2004; SKY 1 (Nova Zelândia) desde Março de 2005 (com a TV3);* Europa: *ORF1 (Áustria); Club RTL (Bélgica); VT4 (Bélgica); HRT2 (Croácia); RTL Televizija (Croácia); CT1 (República Tcheca); 3+ (Dinamarca); 3+ (Noruega); TV3 (Dinamarca); TV3 (Estônia); MTV3 (Finlândia); SubTV (Finlândia); Canal Plus (França); W9 (França); Pro7 (Alemanha); Viasat 3 (Hungria); Stöð 2 (Islândia); RTÉ Two (Irlanda); FOX Italia (Itália); RAI (Itália); 2: (Portugal); FOX Portugal (Portugal); Italia1 (Itália); TV3 (Letônia); TV3 (Lituânia); Veronica TV (Holanda); TV3 (Noruega); ZTV (Noruega); RTP (Portugal); Ren-TV (Rússia); STV1 (Eslováquia); Antena 3 (Espanha); TV3 (Suécia); TV4 (Suécia); ZTV (Suécia); SF2 (Suíça); BBC 2 (Reino Unido), de 23 de Novembro de 1996 a 7 de Maio de 2004; Channel 4 (Reino Unido), 5 November 2004 – present; Sky One (Reino Unido e Irlanda), desde 2 de Setembro de 1990; BFBS (Reino Unido, militar);* Oriente Médio e África: *IBA (antigo BIP) (Israel); M-Net (África do Sul); CNBC-e (Turquia); ComedyMax (Turquia); Middle East Broadcasting Center (Dubai);*

² <http://www.curitiba.org.br/digitando/cultura/?canal=32¬i=1015> data: 07/12/2006

<http://sitcom.blog.terra.com.br/?cat=35262> em 05/12/2006³ e teve o episódio referente à vinda desta família ao Brasil indicado como melhor roteiro de televisão de 2002 na categoria animação segundo o Sindicato dos Roteiristas da América (Writers Guild of América)⁴. Além disto, a personagem Bart foi eleito, pela revista Time, em 1998, uma das cem pessoas mais influentes do século ("The 100 Most Influential People of the Century."), tendo, ainda, sido eleito como o melhor programa do século XX⁵. Interessante ainda se faz notar a polêmica, causada no Brasil, através do episódio em que a família visita a cidade Maravilhosa. Devido a este a Riotur empresa de turismo da prefeitura do Rio de Janeiro - exigiu um pedido de desculpas formal e ameaçou processar por perdas e danos⁶ os produtores da série por denegrir a imagem do Rio de Janeiro, ressaltando que no ano anterior a empresa teria gastado US\$ 18 milhões na divulgação da imagem da cidade no exterior, trabalho este que estaria ameaçado por tal episódio. Por último, vale colocar, também, o caso, noticiado em dezembro de 2005, envolvendo o apresentador e editor-chefe do «Jornal Nacional», William Bonner que classificou o telespectador do jornal Nacional como Homer Simpson, uma vez que este telespectador apresentaria dificuldades em entender reportagens mais 'complexas', especialmente tratando-se de política e economia.⁷ Assim, especificamente esta série mostra-se como uma fonte importante de análise devido sua repercussão mundial e, não só por isto, mas, também, pelo modo satírico como trata os assuntos pertinentes às sociedades contemporâneas, principalmente, a questão da autoridade em mãos impróprias - fato que, aliás, explica a reação negativa do programa junto a movimentos conservadores.

³ FOX:House : 17,160. Prison Break : 9,570. Bones : 8,870. ***Simpsons : 8,110.**
*Family Guy : 7,760. *American Dad : 6,250. Standoff : 5,790. 'Til Death : 4,770.
Justice : 4,290. The O.C. : 3,650.

⁴<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u30561.shtml> consultado em 30/04/2007;

⁵

http://www.thesimpsons.com.br/conteudo/textos/jornais_revistas/simpsons_20_anos.html consultado em 30/04/2007 e

<http://cw50detroit.com/default.aspx?sid=%2FwEFAzE0MQ%3D%3D&cid=%2FwEFBDE5NzQ%3D> consultado em 30/04/2007;

⁶ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u31065.shtml> consultado em 30/04/2007;

⁷ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u56988.shtml> consultado em 30/04/2007

Metodologia

Face às questões apresentadas em relação ao material de análise que constitui nosso corpus, procuramos construir nosso dispositivo analítico vinculando-o ao domínio científico da Análise de Discurso de linha francesa. Isto por que, como colocado por Orlandi (1942), neste tipo de análise não se objetiva a exaustividade horizontal em relação ao objeto empírico, uma vez que este seria inesgotável devido à rede de interdiscursos que o compõe no processo discursivo, mas objetiva-se a exaustividade vertical, em profundidade, levando, assim, a conseqüências teóricas relevantes, procurando interpretar os “fatos” da linguagem com ‘sua memória, sua espessura semântica, sua materialidade lingüístico -discursiva’(1942:63).

Assim, este embasamento teórico proposto se dá devido à re-significação de vários conceitos por esta disciplina, tais como o conceito de sujeito, linguagem, ideologia, entre tantos outros que se re-significam a partir destes. No entanto, como já citado acima, devido à exaustividade almejada, explicitaremos aqui os conceitos em que nos embasaremos para procurar o real sentido na materialidade lingüística e histórica, chegando, assim, a compreensão deste nosso objeto de análise.

O conceito de linguagem na teoria da A.D. é re-significado, pois esta não mais trabalha a língua empírica e abstratamente, tal como na lingüística, mas materialmente, ou seja, como uma forma lingüístico- histórica, discursivamente. Esta mudança terminológica, por sua vez, significa não mais trabalhar a língua apenas como um sistema de signos ou como sistema de regras formais, mas trabalhar a língua no mundo, as diferentes maneiras de se significar, considerando, como coloca Orlandi (2003:16) “a produção de sentidos enquanto parte da vida dos homens”. Significa, assim, a língua não somente como estrutura, mas, também, e, primordialmente, como acontecimento, tendo assim de existir na relação necessária com a história (e com o equívoco). Portanto, considera-se a língua um fato (em oposição a dado) que produz sentido devido seus processos e condições de produção tanto no sentido estrito (circunstâncias de enunciação, contexto imediato) como no contexto sócio -histórico, ideológico.

Estudar a língua como uma forma material significa, ainda, trabalhá-la como “o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história” (Orlandi, 2003:19), ou seja, significa a descentralização do sujeito. Assim, da passagem do conceito de indivíduo para o de sujeito, temos a perda da autonomia de ‘dono do dizer’, de possuidor do sentido primeiro pelo sujeito, para o conceito de um sujeito que é “um lugar de significação historicamente constituído” (Orlandi: 2003:37).

Ou seja, segundo colocado por Orlandi (2003) ao citar Pêcheux, o sujeito é constituído por duas formas de esquecimentos: o esquecimento número dois, esquecimento enunciativo que atesta a significação da sintaxe e o esquecimento número um, esquecimento ideológico. O esquecimento número dois lembra-nos que o dizer sempre poderia ser outro e estaria relacionado ao fato de que, quando falamos o fazemos de uma maneira e não de outra; é um esquecimento que produz a impressão de realidade referencial do pensamento e, lembra-nos que o modo de dizer não é indiferente aos sentidos. Além disto, ao contrário do esquecimento número um, pertencente a instância do inconsciente, este esquecimento é semi-consciente, pois como coloca Orlandi (2003:35) “... muitas vezes voltamos sobre ele (o esquecimento), recorremos a (...) margem de famílias parafrásticas para especificarmos o que dizemos”. Já o esquecimento número um resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia: temos a ilusão de sermos a origem do que dizemos quando, na verdade, retomamos sentidos existentes. Segundo Orlandi (2003:35), isto ocorre, pois o esquecimento é estruturante, é parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos. O que não significa a perda do imaginário de origem do dizer presente no sujeito, imaginário este que funciona através da ideologia.

Assim, temos a tarefa, como colocado por Foucault (2007:55), de não mais tratar os discursos como “conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falamos...”, ou seja, aparece aqui o sujeito como interpretante do objeto, com gestos de interpretação comprometidos histórica e ideologicamente com sua posição sujeito. Assim, por fim, percebemos que se tal interpretação só é possível a partir de uma determinada posição sujeito (formação imaginária) e não de outra, uma vez que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz (Orlandi, 2003:39), o que é dito, também, sofre interdições relacionadas tanto às condições de produção deste discurso (relação de força, relação de sentidos e antecipação) como a mecanismos internos do próprio discurso (Foucault, 2004).

Uma breve exemplificação

Homer Simpson: ‘I’m only one day far from home and I *already* stink as a *french* man, Marge!’⁸

O exemplo acima colocado constitui-se em uma fala da personagem Homer Simpson, no vigésimo segundo episódio da quinta temporada da série,

⁸ Eu estou apenas há um dia longe de casa e já estou fedendo com um homem francês, Marge!

intitulado Os segredos de um casamento bem-sucedido. Neste episódio, Homer decide dar aula a adultos sobre como se ter um casamento feliz. No entanto, para conseguir a atenção de seus alunos, ele começa a contar detalhes íntimos de sua vida conjugal na sala de aula. Após uma série de incidentes, Marge, esposa de Homer, o faz prometer que nunca mais falaria sobre a vida íntima de ambos na escola. Porém, não conseguindo mais lecionar o tema de uma forma teórica, com medo de perder seus alunos e, assim, o status de professor, a personagem leva os alunos a sua casa para observarem na prática sua vida em família, fato que provoca sua expulsão de seu lar. Após apenas um dia afastado de casa e, morando na casa da árvore de seu filho, nos deparamos com a declaração de amor, acima colocada, da personagem sobre como não consegue viver sem Marge.

Trabalhamos com o pressuposto de que só é possível chegar ao objeto por meio da linguagem, ou seja, ao vermos um objeto o interpretamos, o nomeamos, e o adjetivamos. Atos estes que não ocorrem aleatoriamente, mas, é resultado de gestos de interpretação de sujeitos, como dito anteriormente, comprometidos histórica e ideologicamente. Assim, o efeito de verdade – bom ou ruim - circula socialmente e traz, aqui, um efeito metafórico que entra em cena e remete a história para um certo interdiscurso. Assim, Homer ao comparar seu fedor a de um homem francês provoca um deslize do sintagma homem francês para *estar muito fedido*. Efeito este reforçado tanto pelo *já*, ou seja, em um pequeno intervalo de tempo ele alcançou um cheiro similar ao de um francês como, também, pela linguagem não-verbal. Através desta vemos que Homer, em apenas um dia, apresenta a aparência de um mendigo, além de percebermos, também, que a personagem está sendo representada com desenhos de odores saindo de si mesma. Ou seja, vale a pena nos questionarmos a partir de qual discurso tal afirmação torna-se possível, qual o interdiscurso que legitima tal dizer e que faz, também, com que, também em nossa sociedade tal afirmação provoque humor e seja legitimada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BOLOGNINI, C. (2007). “Efeito da metáfora e da metonímia no gesto de interpretação: quem é o Rei no “Rei Leão”?”. *Discurso e ensino: O cinema na escola*, Ed. Mercado das Letras, SP.
- FOUCAULT, M. (2004). *A ordem do discurso*, Ed. Loyola, SP.
- FOUCAULT, M (2007). *A Arqueologia do saber*, Forense Universitária, RJ.
- GINZBURG, C. (1990) “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. Companhia das Letras, SP.
- ORLANDI, E. (2003). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*, Pontes, SP.